

VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología  
XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del  
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos  
Aires, 2015.

# A projeção da sombra na homofobia.

Baron Mussi, Vicente y Serbena, Carlos.

Cita:

Baron Mussi, Vicente y Serbena, Carlos (2015). *A projeção da sombra na homofobia. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/10>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/epma/y3z>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# A PROJEÇÃO DA SOMBRA NA HOMOFOBIA

Baron Mussi, Vicente; Serbena, Carlos  
Universidade Federal do Paraná. Brasil

---

## RESUMEN

Homofobia é o conceito utilizado para designar medo, aversão, desprezo, ódio às pessoas identificadas como homossexuais. A palavra “homo” também significa homem e nesse caso o conceito de homofobia traria a ideia de medo do igual, e conseqüentemente, de si mesmo: homofobia é o medo do outro em si mesmo. Sendo algo que está em si mesmo e é visto a partir da figura do outro, pode-se falar em uma projeção, que se dá quando um conteúdo inconsciente de um indivíduo ou de um grupo se apresenta a ele como pertencente a outro objeto, indivíduo ou grupo. Este conteúdo se encontra na sombra, que se refere àquela parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Uma vez que todas as coisas inconscientes são projetadas, encontramos a sombra na projeção - na nossa visão do ‘outro’. Existem diversos fatores psicológicos que se escondem na sombra do sujeito. Nisso, recaem medos e inseguranças que os indivíduos não estão preparados para lidar, pois o Outro, visto como um não-eu, pode ser considerado uma ameaça, devido às fortes contradições internas desse Eu e então ocorre a projeção, com a mesma intensidade agressiva com se rejeita tais fatores internos a si próprio.

## Palabras clave

Homofobia, Projeção, Sombra, Homossexualidade, Jung, Analítica

## ABSTRACT

### THE PROJECTION OF THE SHADOW ON HOMOPHOBIA

Homophobia is the term used to describe fear, disgust, contempt, hatred of people identified as homosexuals. The word “homo” also means man and in this case the concept of homophobia would bring the idea of fear of equal, and consequently himself: Homophobia is the fear of the other in itself. Being something that is in itself and is seen from the figure of the other, one can speak of a projection, which is when an unconscious content of an individual or a group is presented to it as belonging to another object, person or group. This content is in the shade, which refers to that part of the character that has been suppressed in favor of ego ideal. Once all the unconscious things are designed, we find the shadow in the projection - in our view the ‘other’. There are several psychological factors that hide in the shadow of the subject. In this, fall fears and insecurities that individuals are not prepared to deal with, because the Other, seen as a non-self, can be considered a threat, due to strong internal contradictions that I and then the projection occurs with the same aggressive intensity with one rejects such internal factors itself.

## Key words

Homophobia, Projection, Shade, Homosexuality, Jung, Analytics

## 1. Introdução

Nos últimos anos as denúncias relacionadas à homofobia cresceram 460% e que a cada hora pelo menos um homossexual é vítima de violência e o Brasil é o país com maior número de assassinatos de travestis e transexuais (Portal Vermelho, 2014). O Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil do ano de 2014, realizado pelo Grupo Gay da Bahia, documentou a morte de 326 gays, lésbicas e travestis, sendo 9 suicídios, o que reflete um assassinato a cada 27 horas (Grupo Gay da Bahia, 2015). A Secretaria Nacional de Direitos Humanos, que reporta suas estatísticas com base no Disque 100 - Disque Direitos Humanos -, registrou 1.013 denúncias relacionadas à homofobia em 2014 e 356 denúncias entre janeiro e abril de 2015 (Portal Brasil, 2015).

Visto que a homofobia tem aumentado nos últimos anos e como se trata de um assunto que envolve relações sociais, preconceito e violência, faz-se necessário que a Psicologia esteja envolvida nessa temática, seja para descrever, caracterizar ou denunciar. Este estudo teórico visa demonstrar que a homofobia pode ser entendida a partir dos conceitos da teoria junguiana “projeção” e “sombra”, abrindo novas perspectivas de compreensão para essa temática.

## 2. Preconceito e homofobia

Preconceito é “uma atitude aversiva ou hostil em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque ele pertence a esse grupo e, portanto, presume-se que tem as qualidades censuráveis ??atribuídas ao grupo”. Esta definição remete a ver o preconceito como uma atitude negativa frente a um conjunto de pessoas, que possuem determinadas crenças e valores e que, justamente por tais, são discriminadas, julgadas, taxadas como inferiores (Allport, 1954, p. 7).

O preconceito, porém, não se refere somente aos sentimentos de superioridade e de antipatia com o outro grupo social, mas também, trazem em sua concepção, práticas discriminatórias perante as pessoas do outro grupo, simplesmente porque elas pertencem a esse grupo (Brown, 1995). O pertencimento ao grupo é motivo de atribuição de uma característica negativa a qualquer participante de tal e também que a “característica em questão é vista como essencial, definidora da natureza do grupo, e portanto adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem” (Mezan, 1998, p. 226).

Herek (2000), ao tratar de atitudes negativas frente à outra pessoa por causa de sua orientação sexual, propõe a utilização do termo preconceito sexual. O termo homofobia, pronunciado oficialmente pela primeira vez por George Weinberg em 1972, é mais utilizado popularmente e deriva do grego “homos”, que significa “o mesmo” e “phobikus”, que quer dizer “ter medo e/ou aversão a”. Sendo assim, homofobia é o conceito utilizado para designar medo, aversão, desprezo, ódio às pessoas identificadas como homossexuais (Junqueira, 2007). Von Smigay (2002, p. 35) completa que a palavra “homo” também significa homem e nesse caso o conceito de homofobia traria a ideia de medo do igual, e conseqüentemente, de si mesmo.

Isto expande o conceito para incluir a ideia de que, na homofobia, se expressa o receio de uma possível homossexualidade no próprio sujeito homofóbico, como se sua identidade sexual não fosse sufi-

cientemente assentada e ele incorresse no risco de ver eclodir, em si, um escuso desejo por outros homens.

Essa noção também é citada por Mello (2005) e Castañeda (2007). Von Smigay (2002) comenta que o preconceituoso se sente ameaçado de algo que vem de si mesmo e citando Welzer-Lang (1994), afirma que a “homofobia é o medo do outro em si mesmo” (p. 35). Entretanto, Leal e Carvalho (2009, p. 4) lembram que o termo homofobia abarca um contexto muito amplo para ser tratado somente em seu sentido estrito, devendo ser considerado como uma questão de gênero. Sendo assim, a homofobia está intimamente relacionada “às matrizes normativas de construção de gênero e das identidades sexuais, ampliando seu alcance a todos os indivíduos que se posicionam ou se consideram distantes (em maior ou menor grau) da norma sexual”. Junqueira (2009a) alerta que a questão da homofobia não deve ser entendida somente no sentido da atitude negativa frente a qualquer integrante do LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), mas sim como um fenômeno social relativo a ações de preconceito e violência.

Santos (2013, p. 7) aponta que a homofobia só pode ser pensada enquanto homofobia a partir da “invenção do discurso da sexualidade humana em sua versão ‘normal’ (heterossexualidade) e seu correlato ‘anormal’ (homossexualidade)”. Com base em Foucault, também comenta sobre o projeto médico, mas também político, da segregação dos homossexuais, “patologizando” esse “comportamento”, a partir dos ideais da medicina higienista e da eugenia, e posteriormente, corroborados pelo desenvolvimento da psiquiatria. Leal e Carvalho (2009) apontam que três componentes argumentativos da lógica sexual que fundamenta a homofobia: a ideia de que o sexo tem como último fim a reprodução; a divisão naturalista e biológica entre homem e mulher, bem como as características distintivas de cada sexo; a forma de organização da sociedade frente à divisão dos dois sexos. Nesse último item se encontram os dispositivos de controle dos quais fala Foucault. “Não por acaso, a homofobia age aí, entre outras coisas, instaurando um regime de controle e vigilância não só da conduta sexual, mas também - e, talvez, sobretudo - das expressões e das identidades de gênero” (Junqueira, 2010).

Em complemento, Eribon (2008) afirma que independente do modo como a homossexualidade é vista em determinada sociedade e época, existe um tipo específico de violência simbólica dirigida contra pessoas homossexuais e que essa violência é baseada numa visão androcêntrica. Também há de se pontuar a permanente ideia, conservadora e extremista, da homossexualidade como uma ameaça a sociedade, muitas vezes propagadas por discursos religiosos (Natividade & Oliveira, 2009).

Assim, os homossexuais ainda são alvos de preconceitos (juízo de valor fora da realidade, sem racionalidade) e de discriminação (exteriorização do preconceito ao tratar alguém de forma diferenciada). Nesse sentido, o termo “homofobia” é usado atualmente para definir violência física ou moral dirigida aos integrantes do grupo LGBT. É importante observar que a homofobia tem dois lados, o pessoal - rejeição dos homossexuais - e o cultural - desprezo pela homossexualidade como fenômeno social (Cardinali & Freire, 2012). Toledo e Filho (2013) e Perucchi, Brandão e Vieira (2014) acrescentam que a homofobia é movida por sistemas de crenças e valores que consideram a heterossexualidade como superior e também que a família atual ainda é regida pelas normas sociais do século XIX, exercendo controle sobre a sexualidade dos filhos, reprimindo qualquer manifestação dissidente da heterossexualidade. A homofobia aparece na medida em que há uma hierarquia de grupos constituída socialmente, tendo sua origem no sexismo, muito

presente no Brasil. Há na sociedade atual uma equiparação entre gênero e papéis sexuais e, portanto, a sociedade rejeita a ideia de um homem com comportamentos estigmatizados como femininos, e uma mulher com comportamentos ‘masculinos’, e que sejam heterossexuais (Cardinali & Freire, 2012).

Welzer-Lang (2001) aponta que a noção de superioridade e de dominação do masculino em relação ao feminino é produtora de homofobia e tem como suporte a cultura do machismo, heterossexismo, heteronormatividade, heterocentrismo. Mello (2005, p. 193) analisa que pessoas homofóbicas “costumam ser conservadores, rígidos e favoráveis à manutenção dos papéis sexuais tradicionais”. Os homossexuais rompem com o modelo gênero igual papel sexual, pois a homossexualidade seria responsável por fazer o homem ter uma postura passiva e as mulheres uma atitude ativa (Cardinali & Freire, 2012). Portanto, a homofobia poderia ser caracterizada por um medo de assumir socialmente que, segundo Neto (s/d), como Jung postulou, há aspectos do *animus* e da *anima* formando todos os indivíduos. Isso se daria porque as características do *animus* (como ser ativo, racional, lógico, agressivo) (Neto, s/d.) seriam socialmente aceitas quando demonstradas por homens e rejeitadas quando aparentadas por mulheres; assim como as características da *anima* (passiva, flexível, tolerante, sentimental, intuitiva, protetora) (Neto, s/d) só seriam toleradas quando exibidas em mulheres.

### 3. Projeção

Segundo Gambini (1988), a projeção é um fenômeno que ocorre natural (não sendo, portanto, patológica) e involuntariamente, isto é, sem interferência da consciência. Conseqüentemente, além da pessoa não conseguir impedi-la, não sabe que ela está acontecendo. Dá-se quando um conteúdo inconsciente de um indivíduo ou de um grupo se apresenta a ele como pertencente a outro objeto, indivíduo ou um grupo, por exemplo. Esse conteúdo inconsciente é negado pelo indivíduo como seu e então repassado a outrem. Os complexos autônomos - não ligados diretamente ao ego - aparecem na projeção, deste modo, como se não pertencessem ao sujeito. Já que o inconsciente não pode ser integrado diretamente à consciência, a primeira forma de aparecer é na projeção (Gambini, 1988).

Portanto, a projeção acontece quando a consciência não percebe que pode estar sob influência do inconsciente e, portanto, considera que consegue perceber a realidade objetiva ao seu redor, mas na verdade, a realidade é um reflexo do que é desconhecido e obscuro no próprio sujeito. É como se o meu inconsciente fosse consciente no outro (Gambini, 1988).

Visto que “tudo o que é desconhecido no plano exterior é como um eco de um desconhecido interior” (p. 39) é pelo mecanismo da projeção que o inconsciente - o desconhecido - é capaz de se expressar. É através de um vazio que ele se projeta com uma imagem arquetípica. É importante frisar que não é o ego que projeta (Gambini, 1988).

Entretanto, por que um objeto é alvo de determinada projeção e o outro não? Isso acontece porque é preciso haver algo parecido entre o conteúdo inconsciente projetado e o objeto que o recebe; ou seja, é preciso que o objeto funcione como um gancho (Gambini, 1988).

Há quatro estágios para a projeção: 1) o mundo externo e interno são vistos como iguais, o inconsciente está fortemente identificado como o que é de fora do sujeito, fenômeno chamado de “participação mística”; 2) o sujeito percebe uma disparidade entre a projeção e como o objeto realmente se comporta, e então substitui o modelo que tinha por outro mais “fiel” 3) a projeção passa a ser vista como erro, como uma ilusão; há, portanto, um julgamento moral sobre a projeção 4) homem se torna consciente do processo da

projeção, o aceita como algo natural, há um “reconhecimento da realidade da psique” (p.55) (Gambini, 1988).

Para Jung, segundo Gambini (1988), há também, duas atitudes diante do objeto: a) empatia, na qual um sentimento do próprio sujeito é sentindo como se fosse do objeto, como se o objeto fosse vazio e precisasse ganhar vida com o que é do sujeito; b) abstração: percebe-se o objeto como perigosamente cheio de vida e o sujeito quer afastar-se dessa influência. Essas atitudes, como conscientes, são primeiramente projeções inconscientes.

A alteração do estado de projeção só se dá quando a imagem - imagem que se espelhava em algo exterior ao sujeito - é reintegrada ao sujeito, com seu sentido, e a partir de então se pode reconhecer o valor simbólico do objeto em que o sujeito estava projetando. Nesse processo é importante que a imagem deixe de combinar com o comportamento do objeto externo (Gambini, 1988).

#### 4. Sombra

“O termo *sombra* refere-se àquela parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Uma vez que todas as coisas inconscientes são projetadas, encontramos a sombra na projeção - na nossa visão do ‘outro’” (Whitmont, 1991, p. 36). Quando os sujeitos se identificam com determinadas características de personalidade reprimem tudo o que é oposto e que não se adequam ao ideal de personalidade, formando assim o que chamado de sombra. “O ego e a sombra, portanto, desenvolvem-se aos pares, criando-se mutuamente a partir da mesma experiência de vida” A sombra determina aquilo que pode ser expresso e aquilo que não pode. A sombra tende a definir no indivíduo o que é eu e o que é não-eu. “De acordo com a analista junguiana Liliane Frey-Rohn, esse escuro tesouro inclui a nossa porção infantil, nossos apegos emocionais e sintomas neuróticos bem como nossos talentos e dons não-desenvolvidos”. A sombra pessoal é a parte da personalidade não expressada (Zweig & Abrams, 1991, p. 16).

Existem algumas formas de se identificar a sombra pessoal: a opinião dos outros sobre nós mesmos; nas projeções; nos lapsos verbais e de comportamento; no senso de humor e nas identificações com o humor; nos sonhos, devaneios e fantasias. No discurso, quando ocorre um lapso verbal - erros sem intenção de linguagem, como a troca de palavras, por exemplo - é possível observar a sombra com autonomia sobre o sujeito (Miller, 1991).

“Na sombra vive tudo o que não quer ou não pode se adaptar aos costumes e convenções, assim como às leis religiosas e civis [...]” (Jaffé, 1989, p. 86). A sombra normalmente é formada a partir do sistema cultural de valores em que vivemos. Em determinadas sociedades e tempos são permitidos certos comportamentos - como a expressão da sexualidade, por exemplo - em outras não. Pelo fato do contato com a sombra ser muito difícil para o sujeito, pois são características não aceitas sobre si mesmo, o processo natural se dá percebendo a sombra no mundo externo, como fora de si, em características de outras pessoas que não gostamos ou gostamos, acarretando em aversão ou admiração pelo outro, processo este chamado de projeção. De forma geral, se há carga afetiva exagerada envolvida - seja positiva ou negativamente - há projeção da sombra (Zweig & Abrams, 1991).

Nesse sentido, pode-se ver o mundo como um grande palco para a expressão de uma sombra coletiva, basta ler as manchetes do jornal. A maldade das pessoas, enquanto grupos, é expressão dessa sombra coletiva, observada na corrupção, na poluição, nas guerras, etc. Quando determinados grupos optam por viver de acordo com práticas rejeitadas socialmente se tornam alvo de projeções, dessa forma a sombra assume formatos já conhecidos, como o racismo,

por exemplo. A incessante busca do bode expiatório ou do inimigo da civilização nada mais é do que a expressão dessa sombra, que assume poderes hipnóticos e de contágio (Zweig & Abrams, 1991). A sombra coletiva pode tomar a forma de fenômenos de massa, nos quais nações inteiras são possuídas pela força arquetípica do mal. Isso pode ser explicado pelo processo inconsciente conhecido como *participation mystique*. Nesse processo, há total identificação do sujeito com o objeto (seja físico ou imaterial, como uma ideia), sendo impossível a diferenciação moral entre si próprio e a percepção do objeto. Nesse sentido, a sombra coletiva se expressa quando há a identificação das pessoas com uma determinada ideologia ou com um líder que demonstre os temores da sociedade. Quando então certo grupo carrega o “gancho” para a projeção, ou seja, as características rejeitadas pelo coletivo, está aberta a possibilidade de expressão do mal (Zweig & Abrams, 1991).

#### 5. A projeção na homofobia

Em “Um mito moderno sobre as coisas vistas no céu”, Jung (1988) faz uma análise simbólica a respeito do crescente número de reportagens de pessoas que afirmaram terem visto discos voadores. Nessa época, o mundo vivia uma tensão constante diante da possibilidade de uma nova guerra mundial, reflexo do conflito entre EUA e URSS, a Guerra Fria. O mundo então estava cindido em duas polaridades. A tensão que se estabelece na vivência coletiva é também vivida como experiência individual, ou seja, as pessoas também estavam cindidas psiquicamente. Ocorre que, os sujeitos não conseguiram descobrir dentro de si próprios algo que pudesse suprir esse conflito da desintegração, abrindo espaço então para a projeção. Frente à cisão, o ser humano busca um símbolo de integração, o qual historicamente é representado pelas mandalas (círculos), que também é o símbolo do Self. Não obstante, a projeção aparece no céu, palco de recentes avanços científicos, e no formato de círculos, os chamados discos voadores. O disco voador então aparece como um modelo de um processo simbólico social. As pessoas que mais os visualizavam eram os mais materialistas, justamente pelo fato de terem a espiritualidade reprimida, e o sistema psíquico exigir a compensação. A projeção assim é acompanhada de um afeto muito grande, de qualidade numinosa.

A análise da expressão homofóbica não difere muito da dos discos voadores, o que muda na verdade é o que está sendo projetado e o objeto da projeção. Girardello (2010) afirma que na escola clássica da psicologia analítica considera-se que a homossexualidade masculina se dá por uma identificação com a *anima*, o arquétipo do feminino no homem, porém, que tal concepção já é considerada ultrapassada por junguianos mais atuais. Samuels (1989) comenta que Jung não tratava a homossexualidade como uma doença mental, mas que derivava de um masculino pouco desenvolvido, provavelmente devido a um excessivo envolvimento com a mãe. O masculino infantilizado seria vivenciado no fascínio pelo pênis. O mesmo autor afirma que a homossexualidade poderia ser proveniente de uma ferida narcísica, acarretando numa busca de completude para o *Self* através do parceiro ou também resultante de um conflito edipiano. Segundo Mesquita (2010), outros autores pós-junguianos irão teorizar de diferentes maneiras sobre possíveis origens para homossexualidade. Um fator em comum é o fato de terem o cuidado para não patologizar o homossexual, explicando apenas as vias de desenvolvimento e as influências arquetípicas que acarretam em tal orientação sexual. O autor afirma que Singer é muito reconhecida em seu trabalho sobre a sexualidade. Singer (1991) explica que o ser humano possui um aspecto inato de androginia na psique, que aliado às influências ambientais acarreta

em hetero, homo ou bissexualidade. Também rechaça a ideia de relação entre homo ou heterossexualidade com maturidade, pois na realidade a individuação levaria ao estado de androginia e ao equilíbrio entre o masculino e o feminino dentro de cada um. Hopcke (1993) corrobora com a ideia do arquétipo da androginia, além dos arquétipos masculino e feminino, e ainda afirma que esse arquétipo normalmente é reprimido pelos valores culturais. Por fim, o autor comenta que são perceptíveis características e atitudes masculinas e femininas (no sentido mais clássico dos termos) em qualquer pessoa sem que isso defina *a priori* sua orientação sexual. Walker (1994) afirma que a natureza andrógina se dá tanto pela *anima* e pelo *animus* associados ao “duplo”, que seria um auxiliar do mesmo sexo na psique.

Girardello (2010) afirma que a integração do masculino pelas mulheres vem se demonstrando nas constantes lutas do movimento feminista, ao mesmo tempo em que os homens tem cada vez mais assumido seus sentimentos e tarefas que historicamente foram atribuídas às mulheres. O autor ressalta que quanto maior o equilíbrio do homem e da mulher com Yin (feminino) e Yang (masculino), mais perto estarão do potencial andrógino. Por fim, aponta uma nova maneira de se compreender a sexualidade humana, considerando que o masculino e o feminino seriam dois elementos do mesmo arquétipo, andrógino. A única diferença entre os sexos se daria pelo biológico (pênis e vagina) e que todas as outras características atribuídas seriam construções sócio-culturais internalizadas, que afetam tanto o consciente como os inconscientes pessoal e coletivo. Aponta que essas diferenças seriam desenvolvidas pela necessidade do ser humano da distinção e em termos arquetípicos, da necessidade da separação, da oposição e que só estaria completo ao se ‘re-unir’.

Retornando então à questão da homofobia, Mesquita (2010) afirma que no psiquismo a homofobia é a expressão do medo do feminino, do medo de ser gay. Whitmont (1990) já havia alertado para os problemas decorrentes do medo da *anima*, os quais são expressos pela constante “masculinização” do mundo, definindo papéis para as mulheres, como a maternidade e as responsabilidades do lar. O autor comenta que houve um fracasso cultural em se integrar o mundo do Yin conduzindo à “difundida rigidez de atitudes mentais dogmáticas abstratas, resultando na nossa sociedade atual, que é estéril, dissociada do sentimento e do instinto e super-racionalista” (p. 177). Apesar da visão otimista de Girardello, não se pode desconsiderar que o pensamento de Whitmont é extremamente atual, visto as crescentes manifestações homofóbicas já relatadas. Segundo Castañeda (2007), a agressividade frente aos homossexuais releva nada mais do que a dificuldade interna do agressor em conseguir perceber como seu as manifestações que não são da ordem do masculino - já com todas as ressalvas ao termo “masculino” que foram discorridas nesse capítulo. Retrata o medo do agressor para com o feminino em si mesmo. O preconceito difundido sobre os homossexuais hoje é produto do estigma social, e cumpre funções de segregar este outro e de não refletir sobre o diferente. A imagem de contraste exercida pela homossexualidade emerge para a heterossexualidade a função de superior, o que agrada a muitos, pois mantém o sujeito numa inércia, sem que o mobilize para transformações. Além de manter a sociedade conservadora e mantenedora dos papéis sexuais definidos socialmente (Badinter, 1993).

O preço que se paga frente a isso é o surgimento repentino de um afeto excessivo, deslocado da situação em si, vivenciado pelo sujeito como um conflito que não pode ser aceito e integrado e então ele projeta no outro, no homossexual, e reage com desprezo e violência frente a esse outro, que representa todo o seu conflito

interno, sua rejeição ao não masculino, seu medo frente ao feminino. E, como aponta Castañeda (2007), a homofobia permite ao heterossexual a sensação de estar a salvo da homossexualidade. Badinter (1993) complementa que a homofobia revela diversos medos, como o medo da igualdade dos sexos e também dos próprios desejos homossexuais.

## 6. Considerações Finais

Percebe-se que existem diversos fatores psicológicos - não somente da ordem do sexual, mas da ordem do respeito, da igualdade, entre outros - que se mascaram sob discursos ideológicos, religiosos, e por vezes, irracionais. O movimento crescente de expressão homofóbica parece se dar devido à reivindicação que esse grupo, marginalizado em determinados períodos históricos e atualmente, está pedindo, a igualdade. Nisso, recaem medos e inseguranças que os indivíduos não estão preparados para lidar, pois o Outro, visto como um não-eu, pode ser considerado uma ameaça, devido às fortes contradições internas desse Eu e então ocorre a projeção, com a mesma intensidade agressiva com se rejeita tais fatores internos a si próprio.

## BIBLIOGRAFIA

- Allport, G.W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brown, R. (1995). *Prejudice: its social psychology*. Oxford: Blackwell.
- Cardinali, D. & Freire L. (2012) O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 12, 37-63.
- Castañeda, M. (2007). *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa Editora.
- Herek, G. (2000). The psychology of sexual prejudice. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 19-22.
- Hopcke, R. H. (1993). *Jung, Junguianos e a Homossexualidade*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Siciliano.
- Jaffé, A. (1989). *O mito do significado na obra de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix.
- Jung, C. G., & Abramowitz, E. B. (1988). *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petrópolis: Vozes.
- Junqueira, R. D. (2007). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas*, 1(1), 1-22.
- Junqueira, R. D. (Org.). (2009a). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Unesco.
- Junqueira, R. D. (2010). Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. *Revista Espaço do Currículo*, 2(2).
- Herek, G. (2000). The psychology of sexual prejudice. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 19-22.
- Hopcke, R. H. (1993). *Jung, Junguianos e a Homossexualidade*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Siciliano.
- Jaffé, A. (1989). *O mito do significado na obra de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix.
- Jung, C. G., & Abramowitz, E. B. (1988). *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petrópolis: Vozes.
- Junqueira, R. D. (2007). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas*, 1(1), 1-22.
- Junqueira, R. D. (Org.). (2009a). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Unesco.
- Junqueira, R. D. (2010). Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. *Revista Espaço do Currículo*, 2(2).
- Leal, B. S., & Carvalho, C. A. D. (2009). *Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar*. E-Compós.
- Mello, L. (2005). *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Brasília: Garamond.
- Mesquita, R. (2010). *Homossexualidade e homofobia internalizada*. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Analista Junguiano pelo Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul, da Associação Junguiana do Brasil. Porto Alegre.
- Miller, W. A. (1991). O encontro da sombra na vida cotidiana. In Zweig, C. & Abrams, J. (org.) (1991). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix. em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 2, p.121-161.
- Neto, J.C. (s/d.) *Animus - Anima*. Retirado de Somos todos um em 26/11/2014: <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=2026>.
- Natividade, M.; Oliveira, L. (2009). *Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s)*
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & dos Santos Vieira, H. I. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, 19(1), 67-76.
- Portal Brasil (2015). *Luta contra homofobia avança na última década*. Retirado de Portal Brasil em 09/06/15: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/luta-contra-homofobia-avanca-na-ultima-decada>.
- Portal Vermelho (2014) *Denúncias ligadas à homofobia crescem 460% nos últimos quatro anos*. Retirado de Portal Vermelho em 26/11/2014: <http://www.vermelho.org.br/noticia/253924-8>.
- Samuels, A. (1989). *Jung e os pós-junguianos*. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Santos, D. K. D. (2013). *As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia*. *Revista EPOS*, 4(1).
- Singer, J. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 1991.
- Toledo, L. G., & Teixeira-Filho, F. S. (2013). *Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3).
- Von Smigay, K. E. (2002). *Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política*. *Psicologia em Revista*, 8(11), 32-46.
- Walker, M. (1994). *O Duplo: O Auxiliar Interno de Mesmo Sexo*. In: Downing, Christine. (Org.) *Espelhos do Self*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix. p. 60-63.
- Welzer-Lang, D. (2001). *A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.
- Whitmont, E C. (1990). *A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica*. (1<sup>a</sup> ed.) São Paulo: Cultrix.
- Whitmont, E. C. (1991). *A evolução da sombra*. In Zweig, C. & Abrams, J. (org.) (1991). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix.
- Zweig, C. & Abrams, J. (org.) (1991). *Ao Encontro Da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix.